

NOTÍCIA
PESQ
EM ANDA

NOTÍCIAS DE
PESQUISA
EM ANDAMENTO

TECNOLOGIA LÍTICA NA AMAZÔNIA: ANÁLISE DOS MACHADOS LOCALIZADOS AO LONGO DA BR-163: CUIABÁ- -SANTARÉM

Tallyta Suenny Araujo da Silva

Curso de Graduação em História,
Universidade Federal do Pará - UFPA/
Bolsista PIBIC-CNPq

O Núcleo de Arqueologia da Universidade Federal do Pará tem desenvolvido, nos últimos anos, pesquisas arqueológicas no âmbito de um projeto de arqueologia preventiva relacionado ao empreendimento de pavimentação da BR-163: Cuiabá-Santarém. Entre os sítios encontrados ao longo dessa rodovia, 17 tiveram material lítico selecionado para processo de análise. Esse material consiste de machados líticos que atualmente encontram-se na reserva técnica do laboratório de arqueologia da Universidade Federal do Pará.

Os sítios arqueológicos com material lítico polido são provenientes de áreas de fazenda e comunidades nos municípios de Novo Progresso, Trairão e Garantã do Norte e na cidade de Castelo de Sonhos. Os mesmos se localizam tanto na área de impacto direto quanto na área de impacto indireto da rodovia. Alguns desses sítios apresentam solo de coloração escura de origem antropogênica: no município de Novo Progresso 14 dos 25 sítios arqueológicos identificados; em Trairão oito dos nove dos sítios identificados; em Garantã quatro dos sete dos sítios identificados; e no município de Castelo dos Sonhos um dos seis dos sítios arqueológicos identificados. Nem todos

os sítios de terra antropogênica apresentaram material lítico. Observou-se ainda que vários sítios localizam-se próximos a fontes de água. O impacto antrópico foi detectado em sítios que foram cortados pela rodovia. A vegetação consiste predominantemente de capim de pastagem, mas também ocorrendo plantações de mandioca em algumas propriedades. Em algumas doações de Novo Progresso, segundo o relato de moradores, os artefatos foram encontrados nas proximidades do rio Jamanxim (Doação Km 1002, Doação Manfroi, Doação Sítio Colorido, Fazenda São José) e representam quase a metade (24 de 55) dos machados coletados nesse município (Figura 1).

A maioria dos machados líticos da BR-163 foi obtida por meio de doações dos moradores que residiam sobre ou no entorno dos sítios no período em que a área foi prospectada. Entre os artefatos encontram-se exemplares em diferentes fases de confecção: machados inteiros, fragmentados, fragmentos de machados e pré-formas. Duas peças são de especial interesse: lâminas retangulares estreitas com comprimento maior do que a maioria das peças, utensílios semelhantes, denominados de “picaretas”, já citados na literatura (Prous et al. 2002: 191). Uma delas apresenta uma fissura transversal em um dos bordos, além de outras marcas de lascamento nas faces (Figura 2).

As dimensões dos artefatos são variadas: lâminas compridas e pequenas foram encontradas nos sítios. As lâminas pequenas poderiam ter sido utilizadas como pingentes ou oferendas funerárias (Rostain & Wack 1987: 132), serem brinquedos para criança (Souza 2008: 84),

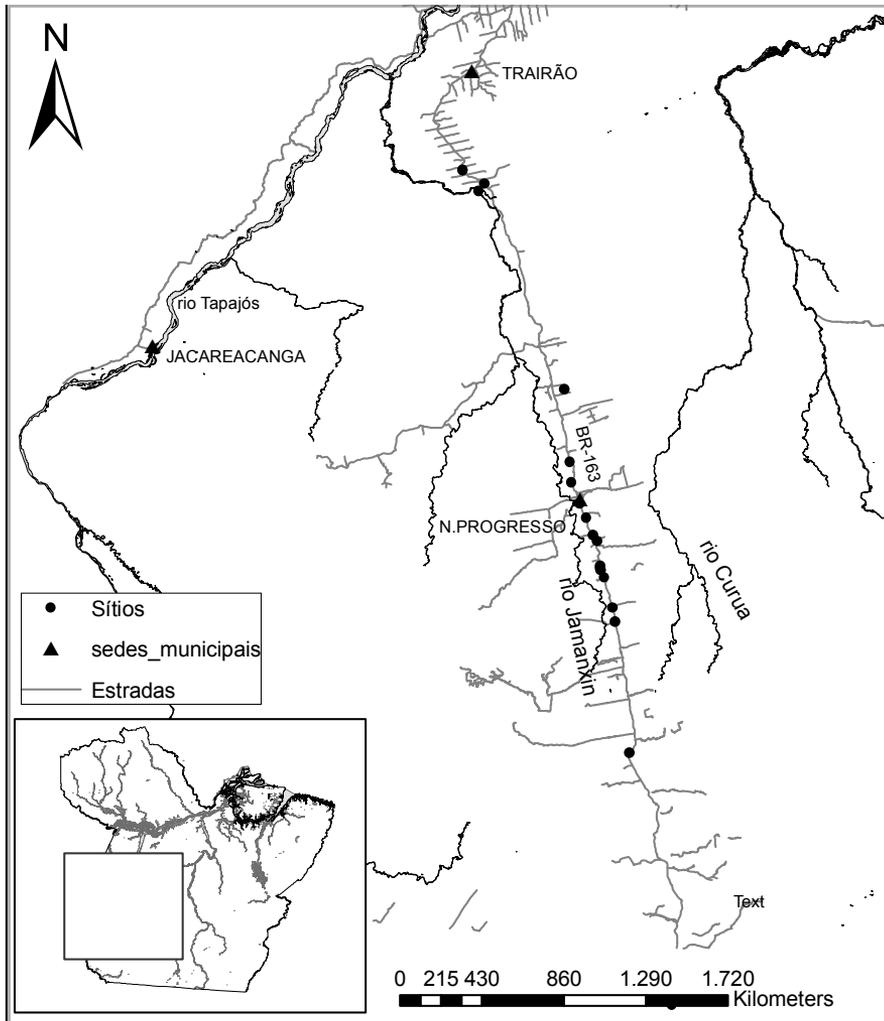


Figura 1 – Localização da área da pesquisa.

ou no caso de peças assimétricas podem ter sido confeccionadas por crianças (Prous 1991: 468, comunicação pessoal de S. Rostain). Ademais, os exemplares também apresentam morfologia variada exemplificando a diversidade dos machados líticos que podem ser decorrentes tanto de aspectos adaptativos às funções aos quais eram destinados quanto às questões sociais e simbólicas (Bueno

2007) (Figura 3).

Além de formas diferentes, as lâminas apresentam vários tipos de adaptações morfológicas para auxiliar na fixação da peça ao cabo (entalhes, chanfraduras, ombros/orelhas, garganta). Essas modificações diferenciam-se em relação à posição (proximal ou mesial), quantidade e dimensões (Figura 4).

Um exemplar de morfologia rara na



Figura 2 – Lâminas retangulares alongadas

amostragem analisada foi observado no município de Novo Progresso e Castelo de Sonhos: um fragmento de lâmina com duas chanfraduras em um

tem sido contestada por alguns estudiosos (Denevan 1992, 1996; Erickson 2010; Mathieu & Meyer 1997) que sublinham a maior demanda de esforço físico e tempo para a realização de tarefas com os instrumentos líticos. Não obstante, apesar da importância das experimentações realizadas com os machados líticos para a comparação das marcas de fabricação e estigmas de uso, Kornbacher (2001: 34) nos lembra que esses tipos de estudos geram pouca informação que auxilie na compreensão do registro arqueológico e que é necessário maior controle sobre as variáveis que interagem na relação



Figura 3 – Lâminas pequenas e lâminas de morfologia variada

dos bordos e apenas uma chanfradura no outro (Figura 3, à esquerda), e uma lâmina inteira com as mesmas características (em destaque na Figura 5) da coleção particular do Banco Santos, em Castelo de Sonhos. Esta coleção apresenta lâminas de designs variados, além de pontas de flecha, vasilhas cerâmicas e artefatos em madeira.

A eficiência dos utensílios de pedra

do instrumento com o meio. As experimentações realizadas por Kornbacher (2001) consideraram o controle sobre a matéria-prima e formato do utensílio, custo e performance do instrumento, marcas de desgaste, intensidade e ângulo da força aplicada, o peso do instrumento arqueológico, a distância e o tempo para a ferramenta atingir o material a ser trabalhado.

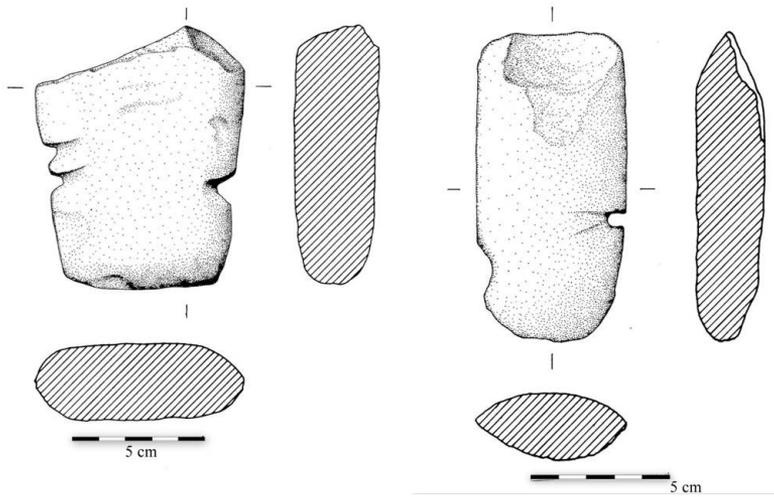


Figura 4 – Diferentes tipos de modificações para encabamento



Figura 5 – Lâmina com três chanfraduras

Auxiliomar Ugarte (2009) baseando-se nos relatos de diversos cronistas, afirma sobre as habilidades artesanais das populações indígenas que foram, inclusive, elogiadas por alguns desses viajantes. Para além do aspecto estético dos artefatos fabricados relacionados com o design produzido pelo artesão, os diversos utensílios produzidos demonstram a variedade de conhecimentos técnicos que as diferentes populações indígenas possuíam. Por mais que, comparativamente a outras matérias-primas como o ferro e aço, os utensílios de pedra tenham uma

eficiência limitada, seus usos para diferentes tarefas são indicados pelos cronistas e arqueólogos (Prous et al. 2002, Rostain & Wack 1987, Versteeg & Rostain 1999)

Os ameríndios podem também ter utilizado utensílios fabricados com outros tipos de matéria-prima, como madeira, osso e casco de tartaruga, para auxiliar na realização das tarefas, juntamente com distintas estratégias para facilitar a derrubada das árvores – anelamento, queimar a base da árvore, trabalho em dupla, utilização de cordas (Rostain & Wack 1987: 130).

Ademais, analisando as transformações na paisagem produzidas por grupos indígenas, é possível visualizar que a menor eficiência não foi sinônimo de impossibilidade de tornar o ambiente antropizado. Os exemplos dos geoglifos do Acre (Schaan et al. 2010) e as grandes aldeias circulares do Xingu (Heckenberger 2009) clarificam essa ideia ao demonstrar como grandes áreas localizadas na terra firme tiveram

sua vegetação transformada pela ação humana. Grande esforço humano foi necessário para construir e manter essas áreas. Ainda que, até o momento, não seja totalmente claro a forma como essas populações realizaram esse procedimento, a existência das mesmas colocam em questão a relação da eficiência tecnológica, organização político-social e a modificação da paisagem.

Apesar do presente estudo não ter como objetivo experimentações tecnológicas para verificar a eficácia dos machados líticos, é importante analisar as diferentes questões postas para esse tipo de utensílio. Segundo Miller (2007: 4), a análise tecnológica deve abranger tanto a produção quanto a organização da produção, padrões de consumo, as práticas associadas com a produção e o consumo, o sistema cultural do processo de produção e o contexto histórico no qual os objetos foram fabricados e utilizados.

Nas últimas décadas, as análises dos materiais líticos têm enfatizado o conceito de cadeia operatória (*chaîne opératoire*). Por meio dessa abordagem valoriza-se a sequência de etapas de produção de um objeto, considerando-se não só a produção, mas também a organização do processo produtivo e a história de vida dos objetos (Miller 2007: 5). Seguindo esse conceito foram selecionados objetos que apresentam essas diferentes fases da vida tecnológica dos instrumentos líticos para compreender o conjunto de conhecimentos utilizados para confeccionar esses objetos. As diferentes formas dos instrumentos genericamente denominados de machados, as diversas formas de encabamento

e o modo como os mesmos foram utilizados sugerem saberes técnicos específicos que podem estar associados a grupos étnicos, mas também representar conhecimentos que circulavam entre as populações de antigamente.

A análise arqueológica que está sendo realizada tem como objetivo descrever e estudar as etapas do processo produtivo de machados líticos na Amazônia, sua tipologia e distribuição espacial, a fim de que, com esses dados, seja possível levantar hipóteses sobre os centros de produção, as rotas de circulação dos artefatos, as relações com os recursos litológicos do entorno dos sítios e a história de ocupação da área pesquisada. Esse trabalho, assim, pretende contribuir com o conhecimento com uma classe de vestígios ainda pouco estudados nas pesquisas arqueológicas amazônicas.

O presente artigo foi elaborado como parte do plano de trabalho “Estudo do processo produtivo de machados líticos na Amazônia”, vinculado ao projeto “Programa de Identificação e Salvamento do Patrimônio Arqueológico BR-163 (Guarantã do norte/Entroncamento BR-230) e BR-230 (Miritituba/Rurópolis)”, financiado pelo DNIT e CNPq e orientado pela Prof^a Dr^a Denise Pahl Schaan.

REFERÊNCIAS

Bueno, L. 2007. Organização tecnológica e teoria do design: entre estratégias e características de performance, in *Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Organizado por L.Bueno e A. Isnardis, pp. 67-94. Belo Horizonte: Argvmentvm/Fapemig; Brasília: Capes.

- Denevan, W. M. 1992. Stone vs metal axes: the ambiguity of shifting cultivation in prehistoric Amazonia. *Journal of the Steward Anthropological Society* 20: 153-165.
- _____. 1996. A bluff model of riverine settlement in prehistoric Amazonia. *Annals of the Association of American Geographers* 86(4): 654-658.
- Erickson, C. L. 2010. The transformation of environmental into landscape: the historical ecology of monumental earthwork construction in the Bolivian Amazon. *Diversity* 2(1): 618-652.
- Heckenberger, M. J. 2010. Biocultural diversity in the Southern Amazon. *Diversity* 2(1): 1-16.
- Kornbacher, K. D. 2001. Building components of evolutionary explanation: a study of wedge tools from northern South America, in *Posing Questions for a Scientific Archaeology*, editado por T. L. Hunt, C. P. Lipo e S. L. Sterling, pp. 23-72. Westport, CT: Bergin and Garvey.
- Mathieu, J. R. & D. A. Meyer. 1997. Comparing axe heads of stone, bronze and steel: studies in experimental archaeology. *Journal of Field Archaeology* 24: 333-351.
- Miller, H. M. 2007. *Archaeological Approaches to Technology*. Amsterdam: Academic Press.
- Prous, A. 1991. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB.
- Prous, A., M. Alonso, H. Piló, L. A. F. Xavier, A. P. Lima, e G. Neves de Souza. 2002. Os machados pré-históricos no Brasil. Descrição de coleções brasileiras e trabalhos experimentais: fabricação de lâminas, cabos, encaimento e utilização. *Canindé* 2: 161-236.
- Rostain, S. & Y. Wack. 1987. Haches et herminettes en pierre de Guyane Française. *Journal de la Société des Américanistes* 73: 107-138.
- Schaan, D., M. Bueno, A. Ranzi, A. Barbosa, A. Silva, E. Casagrande, A. Rodrigues, A. Dantas, e I. Rampanelli. 2010. Construindo paisagens como espaços sociais. O caso dos geoglifos do Acre. *Revista de Arqueologia* 23(1): 30-41.
- Souza, G. N. 2008. *O material lítico polido de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ugarte, A. S. 2009. *Sertões de Bárbaros. O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer.
- Versteeg, A. H. & Rostain, S. 1999. A hafted Ameridian stone axe recovered from the Suriname River. *Mededelingen Surinaams Museum* 55 (in press).

**TANTA TAINHA, POUCA FARINHA:
ANTROPOLOGIA HISTÓRICA DA
VILA DE MONFORTE (ANTIGA ALDEIA
DE JOANES) NOS TEMPOS DO
DIRETÓRIO (1759-1769)**

Alexandre Silva

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Bolsista Mestrado/CAPES

Este projeto de Mestrado, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marcia Bezerra, propõe estudar, numa perspectiva da Antropologia Histórica, o processo de formação de uma nova realidade etnográfica na Amazônia durante o período colonial, a partir da análise de uma série de documentos escritos produzidos na segunda

metade do século XVIII na Vila de Monforte, durante o período de vigência do “Diretório que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário (1755-1798)”;

com especial atenção ao impacto, modificações e possibilidade de perpetuação das políticas de ocupação e exploração econômica empreendidas na região.

A documentação em questão encontra-se no Arquivo Público do Estado do Pará, dentro do conjunto de códices denominado “Correspondência de Diversos com o Governo”, em meio a centenas de documentos escritos produzidos entre 1733 e 1790 em diversas vilas do então Estado do Grão-Pará. Regimentos, censos, cartas régias, provisões, autos, alvarás e, sobretudo, cartas escritas pelos administradores locais – mormente diretores das vilas e chefes militares – endereçadas ao Governador e Capitão Geral do Estado constituem as principais “categorias” de documentos aí depositados. Com relação à temática desta documentação, no geral tratam de questões relativas ao cotidiano administrativo das vilas.

A possibilidade de localização dos códices e, nestes, dos documentos referentes à vila de Monforte, foi possível graças à existência, no Arquivo Público, de índices nos quais os períodos, locais e assuntos tratados pela documentação da “Correspondência com Diversos” encontram-se listados e classificados, viabilizando sua consulta. O “Índice Geográfico Série: Correspondência de Diversos com o Governo” – no qual o local indicado na assinatura dos docu-

mentos serve como critério de classificação – foi essencial para possibilitar o levantamento. Localizaram-se, assim, 63 códices nos quais constam 205 documentos escritos em Monforte, entre 1759 e 1780.

Até onde foi possível verificar, levando em conta o andamento atual desta pesquisa, três aspectos podem ser explorados de maneira produtiva:

- a. A maneira como este grupo se encontrava fixado no local;
- b. O número, a natureza e o tamanho aproximado dos grupos elementares de que são compostos, sua maneira de classificar e dividir os indivíduos por sexo, idade, estado civil, considerando a nomenclatura e terminologia adotada na época;
- c. A maneira pelas quais se estabelecem as relações entre os grupos e o ambiente.

Caso se observe atentamente a profunda ligação destes elementos com os sistemas jurídicos estabelecidos, ou seja, com as diferentes leis redigidas e aplicadas relacionadas à política indígena colonial, no qual o diretório dos índios encontra-se inserido é possível observar os critérios que regulamentaram as “(...) relações materiais possíveis entre os membros de uma mesma sociedade (...)” tanto no que se refere aos “(...) direitos e deveres respectivos das pessoas umas em relação as outras” quanto “em relação as coisas apropriadas pelo grupo ou pelos indivíduos (regime de bens) (...)” (Mauss 2003: 480).

Quando se fala aqui em realidade etnográfica, refere-se ao sentido atribuído por Porro (1995) ao termo: uma série de padrões adaptativos, demográficos, organizacionais e ergológicos de uma população. Padrões que, entre outras coisas, marcam e são marcados pela relação destas populações com o seu entorno. Se o século XVIII é o período de consolidação de uma nova realidade etnográfica, acompanhar o cotidiano de uma vila amazônica da época, a partir da análise de documentos escritos por indivíduos ligados à estrutura administrativa colonial, é tentar apreender, ou pelo menos tatear, as pessoas, instituições e elementos materiais entrelaçados neste processo.

REFERÊNCIAS

- Mauss, M. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Porro, A. 1995. *Povo das Águas: ensaios de etno-história e arqueologia na Amazônia*. São Paulo: Vozes.

É BRINCANDO QUE SE VOA!

Eliane Suelen Oliveira da Silva

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia)
Bolsista CNPq

Reiteradas pelas celebrações católicas aos santos Antônio, João e Pedro, as festividades juninas brasileiras, do período colonial (Bates 1979, Del Priore 1994, Freyre 1998) até a contemporaneidade (Amaral 1998, Chianca 2006), tem sido alvo de frequente análise, bem como consideradas enquanto práticas relevantes na dinamização de distintas esferas – econômicas, religiosas, afetivas, entre outras – da vida social.

Em Belém, uma série de práticas sociais festivas ocorre durante o mês de junho, experienciadas de diferentes maneiras e intensidades por parte da população, seja enquanto audiência, seja enquanto praticante, através de brincadeiras e de atividades lúdicas, como as quadrilhas de dança, os bois-bumbás e os *pássaros juninos*. Aos últimos tem-se dispensado atenção discreta pela comunidade científica antropológica, muito embora existam produções científicas recentes instauradas em abordagens pelo viés das artes cênicas e da literatura, que, em alguns momentos, aproximam-se da Antropologia¹.

Também denominados como *pássaros melodrama-fantasia*, os *pássaros* são uma brincadeira junina encenada, composta por teatro, canto e dança, em uma estrutura formada por breves quadros que preferencialmente são musicados ao vivo.

Normalmente readaptadas de apresentações passadas, as peças de *pássaros* passeiam entre os gêneros melodramático e cômico, abordando temas como conflitos familiares, relações amorosas, questões ecológicas e religiosidade. Entre outras personagens menos constantes, são brincados papéis de nobres, índios, matutos, fadas e feitiçeras, além de um caçador que tenta, sem sucesso, abater uma ave, cuja espécie representada através da fantasia dá nome ao grupo junino que encena a brincadeira.

Considerando aqueles que se exibiram nos meses de junho dos últimos três anos, Belém conta atualmente com cerca de oito grupos de *Pássaros*². Dentre estes, um dos mais antigos é o Grupo Junino Tucano, o qual foi fundado em 1927 e, desde a década de 1980, tem como guardião³ Iracema Oliveira, atualmente com 75 anos. É em sua casa, localizada no bairro Telégrafo, que a partir de meados de março acontecem os ensaios e preparativos para as apresentações que ocorrem em junho em teatros e palcos improvisados, em diferentes bairros de Belém.

Acompanhei o grupo Tucano por dois anos (2009 e 2010). Se no início eu era vista pelos brincantes⁴ como alguém que “estudava pássaro” e “batia fotos”, em 2010 fui também escolhida e convidada por Iracema para fazer o papel de “princesa Ana Célia”. De tal modo, minha permanência junto ao Tucano foi composta de gradações, uma vez que negociada e reconstruída ao longo do trabalho de campo. Essa condição certamente se refletiu no processo investigativo e, por conseguinte, no resul-

tado de minha pesquisa de dissertação, cuja escrita está em fase final.

A pesquisa etnográfica busca refletir a respeito dos diversos encontros que ocorreram na residência da guardiã do Tucano, assim como das apresentações as quais assisti e das quais participei. Nessas ocasiões, Iracema narrou a mim a respeito da época em que, ainda criança, brincava em *Pássaros*. Em suas narrativas, ganhava relevo principalmente a figura do pai, Francisco Oliveira, compositor de músicas e escritor de peças juninas que, folclorista⁵ e pai incentivador, segundo Iracema, estimulou nos descendentes o interesse por brincadeiras lúdicas e/ou juninas⁶.

Materializando a significância do patriarca na história do brincar em *pássaro* na família Oliveira, a reprodução de uma fotografia de Francisco decorava uma das paredes do barracão onde ocorriam os ensaios, nos fundos da casa da guardiã. Naquele espaço, para além dos ensaios (repetição de cenas, coreografias e cantos) vi ocorrerem modos de fazer (De Certeau 1998) improvisados e criativos frente a imponderáveis cotidianos, bem como relações afetuosas e conflituosas, por vezes menos ou mais encobertas e/ou intensas, que, afinal, faziam parte das sociabilidades, pensadas enquanto interações que tem como fim a própria interação (Simmel 1983).

A partir do trabalho de campo e inspirada em proposições teóricas de autores como Turner (1974, 1982) e Schechner (1985), tenho considerado as *performances* do Tucano, que são sazonais, enquanto eventos extraordinários, cujas produções expressam formas de compreender e viver no

mundo urbano belemense, a partir de uma linguagem composta por um caleidoscópio de símbolos e imagens dramatizados e reconhecíveis no contexto paraense.

De tal modo, em contraponto às propostas de “desencantamento” ou “homogeneização” das práticas sociais em urbes modernas, a pesquisa demonstra que a cidade belemense é “palco” e espaço de interações e práticas relacionadas a formas sensíveis da vida social (Sansot 1979). A etnografia junto ao Pássaro Tucano tem demonstrado que suas sociabilidades, seus modos de fazer e suas performances, afinal, revelam expressões e maneiras peculiares de viver no mundo urbano e amazônico belemense.



Figura 1 – Pássaro Tucano 2009. Fotografia de Eliane Silva.

NOTAS

¹ Da literatura antropológica, somente a obra de Piñon (1986) e o artigo de Simonian (2005) podem ser citados. De formas peculiares, ambos trataram sobre a relação entre as (ausências e influências de) políticas públicas e a prática junina referida. Moura (1997) apresenta uma das primeiras tentativas de análise de fôlego sobre os

pássaros juninos, possuindo abordagem bastante interdisciplinar, enquanto outros trabalhos tratam mais sobre seus aspectos dramáticos e discursivos (Charone 2008, Fares 2007, Maués 2009 e 2010, Refkalefsky 2001). A maioria deles, como perceptível, é recente.

² Grupos “Bem-Te-Vi”, “Caboclo Lino Pardo”, “Papagaio Real”, “Rouxinol”, “Sabiá”, “Tem-Tem”, “Tucano” e “Uirapurú”, cujas sedes localizam-se, respectivamente, nos bairros Telégrafo, Guamá, Pedreira, Canudos, Guamá, Telégrafo e Umarizal. A contagem não inclui os grupos de Mosqueiro e Icoaraci, distritos administrativos do município de Belém.

³ Guardiã(o) é a pessoa responsável pelo grupo, a qual congrega funções jurídicas, práticas e simbólicas a respeito do Pássaro que organiza e pelo qual responde.

⁴ Brincante é a forma pela qual os participantes de *pássaros* se identificam, na medida em que brincam no grupo voluntariamente e sem remuneração.

⁵ Conforme identificou artigo Quando os Pássaros Morrem, *A Província do Pará*. Belém, 24 jun. 1973. Caderno 1 do jornal A Província do Pará, em 24 de junho de 1973.

⁶ Realizei um levantamento sobre os descendentes do falecido Francisco. Até 2010, considerando seus oito filhos(as), 16 netos(as) e 12 bisnetos(as), quase 60% dos descendentes já participaram de grupos de dança, de *pássaros* ou outros, sem contar aqueles que fazem parte de categorias de parentesco não consanguíneas. É relevante ressaltar ainda que, além de Iracema, mais duas filhas de Francisco – Ara e Raimunda - são guardiãs de *pássaros*: tratam-se dos grupos Ararajuba e Pavão, localizados em Mosqueiro e Icoaraci, respectivamente.

REFERÊNCIAS

- Amaral, R. 1998. *Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bates, H. W. 1979. *Um naturalista no Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Charone, O. M. 2008. *Pássaros de voo longo: o processo de encenação do teatro dos Pássaros em Belém do Pará*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Chianca, L. 2006. *A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX*. Natal: EdUFRN.
- De Certeau, M. 1998. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Del Priore, M. 1994. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense.
- Fares, J. 2007. *Pássaro junino: cordão e entre-lugar do discurso amazônico*. Asas da Palavra 7.
- Freyre, G. 1998. *Casa-grande & senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro.
- Maués, M. 2009. *Breve voo sobre o universo imagético do pássaro junino paraense*. Ensaio Geral 1:133-138.
- _____. 2010. *Pássaros juninos do Pará: a matutagem e suas relações com o cômico popular medieval e renascentista*. *Repertório Teatro & Dança* 14:37-41.
- Moura, C. M. 1997. *O teatro que o povo cria: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará*. Belém: Secult.
- Piñon, S. 1982. *A farsa do prêmio: um estudo sobre a política do folclore em Belém*. Belém: Academia Paraense de Letras.
- Refkalefsky, M. 2001. *Pássaros... Bordando sonhos: função dramática do figurino no Teatro dos Pássaros em Belém do Pará*. Belém: IAP.
- Sansot, P. 1979. *Les formes sensibles de la vie sociale*. Paris: PUF.
- Schechner, R. 1985. *Points of contact between anthropological and theatrical thought*, in *Between theater and anthropology*, pp.3-34. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Simmel, G. 1983. *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Simonian, L. 2005. *A agonia do Pássaro Arara e os limites das políticas acerca da cultura popular santarena*. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 1:171-193.
- Turner, V. 1974. *Dramas, fields and metaphors*. New York, Cornell University Press.
- _____. 1982. *From ritual to theatre. The Human Seriousness of Play*. New York: PAJ Publications.